

GRUPOS VIVENCIAIS E PANDEMIA DE COVID-19: PESQUISA MEDIADA PELA INTERNET

RESUMO

Planejar e refazer planos são atitudes cotidianas, mas as mudanças impostas pela situação de pandemia de COVID-19 ultrapassaram muitos dos limites previamente conhecidos. Adaptação a circunstâncias dolorosas e superação de desafios caracterizam resiliência, que se faz necessária em tais situações de crise. Assim, aprendizagem é uma importante palavra de ordem de 2020, quando também a pesquisa-ação “Poesia no dia a dia: grupos vivenciais e resiliência” passou por alterações substanciais. Este estudo objetiva refletir acerca da criação de espaços não coercitivos por meio de intervenções mediadas pela internet. Para tanto, detalha procedimentos implementados em pesquisas com famílias e com mulheres com fibromialgia. Chamamos a atenção para a necessidade de os pesquisadores acompanharem de perto as intervenções de modo a favorecer o diálogo não coercitivo entre pais e filhos e de cada participante consigo próprio.

Palavras-chave: Pandemia de COVID-19. Internet. Grupos Vivenciais. Não Coerção. Resiliência.

Rosângela Araújo Darwich [i]

Larissa Fortes Carvalho [ii]

Marlene Silva de Moura [iii]

EXPERIENTIAL GROUPS AND COVID-19 PANDEMIC: RESEARCH MEDIATED BY THE INTERNET

ABSTRACT

Planning and remaking plans are everyday attitudes, but the changes imposed by the COVID-19 pandemic situation have exceeded many of the previously known limits. Adaptation to painful circumstances and overcoming challenges characterize resilience, which is necessary in such crisis situations. Thus, learning is an important slogan in 2020, when the action research “Poetry in daily life: experiential groups and resilience” also underwent substantial changes. This study aims to reflect on the creation of non-coercive spaces through interventions mediated by the internet. To this end, it details implemented procedures in research with families and women with fibromyalgia. We draw attention to the need for researchers to monitor interventions closely in order to favor non-coercive dialogue between parents and children and each participant with eachself.

Keywords: COVID-19 Pandemic. Internet. Experiential Groups. No Coercion. Resilience.

GRUPOS EXPERIENCIALES Y PANDEMIA COVID-19: INVESTIGACIÓN MEDIADA POR INTERNET

RESUMEN

Planificar y rehacer planes son actitudes cotidianas, pero los cambios impuestos por la situación de la pandemia de COVID-19 han superado muchos de los límites previamente conocidos. La adaptación a circunstancias dolorosas y la superación de desafíos caracterizan la capacidad de recuperación, que es necesaria en las situaciones de crisis. Así, el aprendizaje es un lema importante de 2020, cuando la investigación-acción “Poesía en la vida cotidiana: grupos experienciales y resiliencia” también sufrió cambios importantes. Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la creación de espacios no coercitivos a través de intervenciones mediadas por la red. Para ello, detalla los procedimientos implementados en la investigación con familias y mujeres con fibromialgia. Llamamos la atención sobre la necesidad de que los investigadores observen las intervenciones para favorecer el diálogo no coercitivo entre padres e hijos y cada participante consigo mismo.

Palabras-clave: Pandemia de COVID-19. Red. Grupos Experienciales. No Coacción. Resiliencia.



INTRODUÇÃO

Diversos estudos indicam o quanto a coerção é devastadora. O efeito imediato que punições e ameaças podem gerar encobre danos emocionais e comportamentais de médio e longo prazos em todos os envolvidos. No entanto, efeitos imediatos são muito valorizados, especialmente quando regras sociais são favoráveis às ações que os geram. É comum considerar legítimo que pais gritem com seus filhos e mesmo que batam neles, dada a necessidade imperiosa de educá-los. A escola precisou abandonar castigos físicos, mas reprovações e expulsões ainda são artifícios considerados como dignos e necessários (SIDMAN, 1989; SKINNER, 1965).

Ao que tudo indica, aprendemos a mandar e a obedecer, mas não sabemos conviver harmoniosamente, atentos a limites e confiantes de sermos compreendidos com nossos acertos e aceitos em nossos fracassos e necessidade de mudança. Como agravante, em um mundo coercitivo, o ser humano comumente aprende a ser agressivo também consigo próprio (DARWICH; GARCIA, 2019; SIDMAN, 1989).

Assertividade e outras habilidades sociais e de autorreferência são fundamentais para o estabelecimento de relações não coercitivas - mas também dependem de trocas de tal qualidade para serem desenvolvidas. Exemplos de tais posturas precisam ser dados para prevenir problemas e para evitar que se eternizem a partir da infância. Vale ressaltar que resiliência pode ser percebida por meio da apresentação de um conjunto de habilidades sociais e de autorreferência. Por exemplo, diante de uma crise, o indivíduo está sendo resiliente quando consegue se manter proativo, assertivo e empático ao se relacionar com as outras pessoas e demais aspectos dos contextos dos quais participa. Além disso, ele se sente autoconfiante, tem uma autoimagem positiva, apesar do sofrimento, e mantém algum grau de autocontrole, suficiente para continuar tentando solucionar seus problemas atuais e aprender com possíveis erros (DARWICH; GARCIA, 2019; FISCHER; FRÖHLICH-GILDHOFF, 2019; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011).

Poucos anos atrás, Harari (2015, p. 12) expressou a seguinte preocupação: “se realmente a fome, a peste e a guerra estão sob controle, o que irá substituí-las como prioridade na agenda humana?” É certo que, neste milênio, a maioria das pessoas morre de excesso de peso, de doenças não contagiosas ou de velhice, mas problemas básicos e conflitos continuam se reproduzindo em todas as escalas. Em todo o caso, no último dia de 2019 foi anunciada, na China, uma misteriosa pneumonia viral. Acostumada com ameaças, grande parte da humanidade comemorou despreocupadamente mais uma virada de ano.

Em Wuhan, no dia 11 de janeiro, aconteceu a primeira morte causada pela doença que, um mês depois, foi oficialmente batizada de COVID-19, sendo reconhecidos muitos dos riscos a ela associados, na ausência de tratamentos cientificamente validados. Mais um mês se passou e foi declarada situação de pandemia. Assim sendo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi acrescentando, a cada dia 11, notícias extremamente negativas para a população do planeta (MOREIRA; PINHEIRO, 2020; TAYLOR, 2020; WORLD HEALTH ORGANISATION, 2020).

Altamente contagioso e mortal, o novo coronavírus (Sars-CoV-2) veio acompanhado da necessidade de isolamento social. Adoecer é um problema que se torna infinitamente mais grave diante do colapso do sistema de saúde (DARWICH, 2020; VALFRÉ; BEHNKE, 2000).

A UNAMA - Universidade, Centro Universitário e Faculdades da Amazônia suspendeu as atividades acadêmicas presenciais no dia 16 de março (FACULDADES..., 2020). Poucas horas antes, nosso grupo de pesquisa divulgara o início de atividades on-line devido à situação de pandemia. Diante de medidas de isolamento social, uma pesquisa de campo alicerçada na formação de grupos focais, presenciais, precisou ser completamente repensada. Como resultado das mudanças implementadas, este estudo objetiva refletir acerca da criação de espaços não coercitivos por meio de intervenções mediadas pela internet.

GRUPOS VIVENCIAIS

A pesquisa-ação “Poesia no dia a dia: grupos vivenciais e resiliência”,

implementada entre 2020 e 2022, conta com a participação de oito professores de cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade da Amazônia (UNAMA) e da Universidade Federal do Pará (UFPA - campus Belém e Altamira) e com dois professores colaboradores da Universidade Protestante de Freiburg, na Alemanha. Com ela dá-se continuidade à pesquisa-ação “Grupos vivenciais e vida em sociedade: uma intervenção interdisciplinar”, implementada entre 2016 e 2018 por professores dos cursos de psicologia e serviço social da UNAMA.

No sentido de realização de uma pesquisa-ação, mudanças no procedimento são realizadas a cada semestre, sendo que o projeto atual traz consigo uma novidade: a utilização sistemática de textos literários nos encontros.

Em contextos não coercitivos é aberto espaço ao desenvolvimento de habilidades sociais e resiliência como forma de prevenção e superação de problemas pessoais, aliado ao combate de preconceitos e discriminações e, portanto, de diferentes formas de violência. No caso de crianças e adolescentes, é esperado que o prazer em ler, escrever e compartilhar criações próprias favoreça também a criatividade, o autoconhecimento e a permanência na escola, sendo uma medida indireta de redução do grande problema de evasão escolar presente na região e no país (DARWICH; GARCIA, 2019; DARWICH; NUNES; SOUZA, 2020).

O termo “grupos vivenciais” destaca o papel central das experiências compartilhadas em situação de troca social, em contraposição à apresentação de conceitos e de conselhos acerca de como se deve agir. Por meio da utilização de método vivencial, os encontros grupais são caracterizados pela realização de atividades estruturadas que reproduzem situações cotidianas.

Com a pandemia do novo coronavírus, os grupos vivenciais ganharam novos recortes, tendo a internet como suporte metodológico. Ao lado da formação de grupos on-line, como o de mulheres com fibromialgia, foram utilizados vídeos de contações de história, com base na plataforma YouTube^[1] e em Formulários Google.

"Lendo com os Grupos Vivenciais"

Os estudos que lançam mão de vídeos de contação de histórias disponibilizadas on-line tiveram início neste ano de 2020, com a pandemia de Covid-19, dada a impossibilidade de encontros grupais presenciais. A opção pela edição de vídeos iniciou o engajamento em um processo de busca de livros infantis e de escolha de leitores para cada história ao lado da aprendizagem de utilização de diferentes recursos tecnológicos. Mais fácil foi a opção pela plataforma de compartilhamento dos vídeos.

Com mais de dois bilhões de usuários únicos por mês, o YouTube permite reunir engajamento criativo e reconhecimento público. A plataforma é aberta e oferece espaço à expressão dentro de regras que protegem os usuários de diferentes formas, desde a atenção a conteúdos com restrição de idade e a direitos autorais até a adoção de políticas de geração de receitas (YOUTUBE ABOUT, 2020).

Contando com a segurança e o amplo acesso que o YouTube afirma disponibilizar, até o momento dezoito vídeos de contação de história compõem a playlist “Lendo com os Grupos Vivenciais”, do canal “Grupos Vivenciais”. Pessoas externas à pesquisa ou participantes, com idades variando de cinco a 98 anos, gravaram os áudios de sete deles. Geograficamente afastadas, as vozes se encontram em contações de história.

Cada vídeo permite reflexões em torno de temas que fundamentam o desenvolvimento de habilidades sociais e resiliência. Adaptações nos roteiros de conversa permitem que os mesmos vídeos sejam utilizados com diferentes finalidades e com públicos-alvo variados, de todas as faixas etárias. “Por que sou uma menina xadrez” (FRANCO; LOLLO, 2015), “Sulwe” (NYONGO, 2019) e “O Menino Marrom” (PINTO, 1986) remetem, respectivamente, a apoio e afeto, autoestima e autoconfiança. A menina xadrez precisa lidar com a percepção de ser diferente, Sulwe sente-se isolada por causa da cor de sua pele e os meninos marrom e cor-de-rosa representam uma amizade que sobrevive ao afastamento físico. “Pablo no mundo das nuvens” (VIEIRA, 2016) também nos permite falar de autoconfiança, pois o menino persegue o que acredita. Este vídeo contou com a narração do autor e do próprio Pablo.

[1] Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLx6cJKaj-gtcaqAq3Sjf8sE2iCRuYMx_0. Acesso em: 10 ago. 2020.

Três histórias bilíngues remetem, respectivamente, a seguimento de regras, assertividade e resiliência. Em “Sapo” (HIMMELREICH et al., 2013), um rinoceronte amplia os limites do que considerava ser capaz, em “A Princesa Melancia” (KIND, 2018), a princesa leva mágica à vida de Mia, e em “Entra aqui, sai lá” (WINTERBERG, 2015), um menino ignora críticas que o afastariam de si próprio.

“Rosa Parks” (KAISER, 2017), uma história em inglês, ainda sem tradução para o português, “Quem tem medo do ridículo?” (ROCHA, 2004) e “Quero color!” (BARBIERI; VILELA, 2016) trazem como tema, respectivamente, proatividade, nos aproximando dessa grande ativista, autoconhecimento, nos levando a refletir que ter medo é natural, mas passar ridículo também é, e autopercepção e percepção do outro, por meio da simples expressão de um desejo. Este último vídeo é narrado por portugueses, mexicanos, norte americanos e alemães.

Os vídeos “Eu quero! Eu quero!” (SOUZA, 2006), “Pedro vira porco-espinho” (TOKITAKA, X) e “Balainha” (ARROYO, 2020), com foco em assertividade e resolução de problemas, foram narrados por crianças que estavam em Belém e no exterior. Júlia e Pedro enfrentam problemas por meio de birras, enquanto Balainha encontrou alegria quando fez feliz uma família.

“Mãe gritalhona” (BAUER, 2020), história em alemão, ainda sem tradução para o português, exemplifica intervenção com adultos sobre autorregulação, pois a mãe grita e o filho se desfaz em pedaços. Também destinada a adultos, em “Mãe, você me ama?” (1994) a menina descreve uma série de erros que poderia cometer ou mesmo de riscos que poderia causar, sempre em tentativa de compreender a medida do amor que a mãe sente por ela. Assim essa menina representa todas as crianças que, por meio de seus atos, muitos deles falhos, olham para seus pais em busca de compreensão que nem sempre conseguem encontrar.

“Clementina” retrata memórias não publicadas de uma paraense nascida em 1935 que incitam os participantes a narrar suas vidas, a buscar fotografias e a reconstruir caminhos de modo criativo. Também neste caso o compartilhamento on-line dos vídeos representa a saída de momentos vividos em direção ao mundo inteiro.

Diferentes estudos estão sendo desenvolvidos com uma média de quatro vídeos e roteiros de conversa em Formulários Google, em alguns casos na presença de entrevistas iniciais e/ou de finalização. O material é encaminhado aos participantes, passo a passo, por meio da plataforma WhatsApp.

As intervenções tiveram início com a participação de duplas de participantes de uma mesma família, interagindo presencialmente. Adultos que estabelecem trocas com seus filhos aprendem com eles, pois interação é uma via de mão dupla. O vínculo familiar pode ser favorecido pelo contato com temas variados, para além de medidas educativas tradicionais, tantas vezes limitadas por cobranças quanto à realização de atividades cotidianas. Assim é combatido o risco de estudar - e de existir - se tornarem obrigações e repetições mecanizadas de tarefas, ao invés de oportunidades de criação, de desenvolvimento de senso crítico e de empoderamento pessoal e social.

Respostas à entrevista de finalização de um dos estudos apontaram para detalhes importantes nas interações entre pais e filhos, como a presença de imposições e cobranças, e finalização de conversas guiadas pelos roteiros mesmo quando a criança continuava com dúvidas acerca da história em questão e/ou respondesse sempre apenas de modo direto e monossilábico. Daí derivou a necessidade de disponibilização de espaço de troca entre participantes e pesquisadores acerca de práticas educativas parentais, com valorização de interações não coercitivas, como o estabelecimento de regras e limites na presença de flexibilidade e demonstrações de afeto, com atenção a possíveis dificuldades da criança e incentivo a perguntas feitas por elas.

Outras estratégias interventivas vêm sendo desenvolvidas e implementadas: (a) utilização de vídeos com base em literatura infantil para desafios da idade adulta; (b) associação de vídeos com yoga em família para crianças com desenvolvimento típico e atípico; (c) criação de histórias com base nas imagens presentes em livros sem texto ou na ausência do texto original, com alterações na ordem das imagens; (d) criação de registros de memórias a partir de diálogo em torno de uma história de vida gravada em vídeo; e (e) criação de

vídeos com áudios gravados por participantes de todas as faixas etárias a partir das situações descritas nos itens anteriores, com adaptações às especificidades presentes em cada caso.

Treze estudos estão em progresso, em diferentes fases de construção, em nível de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), Iniciação Científica (PIBIC/CNPq e PIBIC/SER) e dissertações de mestrado. Temos um estudo coordenado por professoras e psicoterapeutas, e um outro está sendo delineado de modo integrado com a Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, na Alemanha. Estamos também desenvolvendo estudos em quatro unidades públicas de atendimento à comunidade no interior do estado e o contato com participantes foi ampliado com o apoio de uma organização não governamental de incentivo à leitura, em Belém.

MULHERES COM FIBROMIALGIA

A pesquisa com grupos de mulheres com fibromialgia iniciou em 2018, com encontros presenciais na Clínica de Psicologia da Universidade da Amazônia (CLIPSI). Um novo grupo com cerca de dez pessoas vem sendo formado a cada semestre, sempre aberto a novas participantes e a aquelas que integraram grupos anteriores.

Fibromialgia é uma doença sem cura e caracterizada por dores musculoesqueléticas e fadiga crônica que não é passível de identificação por meio de exames laboratoriais, mas apenas de reconhecimento por meio de investigação clínica dos sintomas (PROVENZA et al., 2004). Cercadas de desconfianças e incompreensões de toda ordem, as mulheres com esse diagnóstico têm a oportunidade de trocar experiências e apoio no grupo vivencial pensado só para elas como forma de incentivo ao desenvolvimento de resiliência.

Neste ano, apenas um encontro presencial foi realizado, no dia 6 de março, com a aplicação de uma entrevista individual seguida da formação de uma roda de conversa, espaço reservado ao compartilhamento de experiências pessoais de enfrentamento da fibromialgia. O tema principal foi a escrita de diários e memórias pessoais, de onde partiram as apresentações das componentes do grupo e o convite a reflexões e diálogo acerca de outras atividades cotidianamente desempenhadas por elas.

A fim de dar continuidade aos encontros em situação de isolamento social, passamos a compartilhar informações acerca de aplicativos de videoconferência que possibilitariam reuniões on-line - e o novo desafio foi aceito por todas. Ao longo do semestre, finalizado na primeira quinzena de julho, nove encontros foram realizados. Dentre as leituras que foram compartilhadas em cada um deles, destacamos trechos de romances, como "As Intermitências da Morte" (SARAMAGO, 2005), poemas, como "Mar Português" (PESSOA, 1934), conselhos em jornais acerca de como lidar com a situação de pandemia, como no caso de El País (MIRALLES, 2020) e textos que reproduzem memórias pessoais, como as escritas por Clementina, que também disponibilizamos em vídeo.

O livro "As Intermitências da Morte" (SARAMAGO, 2005) tem início com a Morte, preocupada com os impactos negativos que gera, decidindo que, em um determinado país, ninguém mais iria morrer. O trecho oferecia, portanto, uma imagem oposta às circunstâncias da pandemia, mas igualmente aterradora. Abrimos, assim, espaço para reflexões de encontros seguintes, em torno, por exemplo, do mar, com seus perigos e abismos, ser onde Deus espelhou o céu (PESSOA, 1934). As dificuldades que marcam anos de vida das participantes foram sendo somadas aos desafios de uma nova doença, extremamente contagiosa e ainda sem cura, gerando entrelaçamentos que fortaleciam o grupo entre leituras de conselhos e compartilhamento de ideias delas próprias.

A dificuldade de realização de encontros grupais virtuais foi grande e justificada pelo acúmulo de tarefas conhecido pela maioria das pessoas, neste ano, entre cuidados da casa e home office, principalmente no caso daquelas que têm filhos pequenos, já que, além de ambiente de trabalho, as residências também se transformaram em escolas. Como forma de auxiliar as participantes a refletir, entre os encontros, sobre os temas propostos, e motivá-las a superar barreiras cotidianas, lançamos mão da disponibilização de roteiros de conversa por meio de Formulários Google, com início em junho. Além

da oportunidade de reflexão individual e por escrito, as respostas foram repassadas ao conjunto de participantes, sem identificação de autoria.

Em linhas gerais, de inquietações pessoais àquelas compartilhadas mundialmente, a busca de equilíbrio foi uma constante nos encontros do grupo. Os temas compartilhados envolveram a verdade de cada uma em meio ao caos generalizado de fake news sobre como evitar COVID-19 ou mesmo negando a existência da doença, lembrando que a internet também tem seu lado sombrio. A troca de dicas e incentivos favoreceu a adesão a atividades físicas, mesmo que agora realizadas em casa, já que são muito importantes no combate às dores características de fibromialgia. Valorização do contato com a família e com amigos, ao mesmo tempo próximos e distantes, foi várias vezes revisitada, assim como o compartilhamento de descobertas de pequenas ocorrências gratificantes pelas quais as participantes poderiam seguir agradecendo. Mais do que a morte, o luto se fez presente dada a quantidade e a qualidade variada de perdas sofridas, direta ou indiretamente.

Entre lembranças da infância, desafios enfrentados e planos para o futuro, os encontros foram encerrados com sorrisos totalmente visíveis em encontros online. A esperança em um “novo normal” que não precise desqualificar o que dele difere aponta para as novas possibilidades que leituras e diálogo permitem. O desejo de manter distância do que é supérfluo corresponde ao reconhecimento renovado de valores como perdão e doação ao próximo. Assim, mais um grupo vivencial de mulheres com fibromialgia foi encerrado com fundamento no amor e no espaço de troca enquanto medidas de renovação de energia e intensificação de confiança nas potencialidades únicas de cada ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pandemia de COVID-19, atividades de pesquisa de campo, como no caso dos estudos aqui descritos, precisaram ser repensadas e alteradas em decorrência da impossibilidade de realização de encontros presenciais. No caso do envolvimento de famílias, duplas de participantes de duas gerações diferentes foram formadas, com o adulto substituindo o pesquisador no contato direto com a criança diante de vídeos de contação de histórias e na coleta de dados. No grupo de mulheres com fibromialgia, os encontros passaram a ser realizados por meio de aplicativos de videoconferência, com o apoio posteriormente introduzido de roteiros individuais de reflexão sobre temas a serem discutidos nos encontros seguintes.

Em situação de pandemia e isolamento social, consideramos que foi importante a manutenção de atividades de pesquisa que aproximam universidade e comunidade. Como ponto positivo das mudanças realizadas nos procedimentos, alcançamos participantes que não se encontravam em Belém ou mesmo no Brasil e nos familiarizamos com estratégias interventivas mediadas pela internet que podemos manter, paralelamente às presenciais, após a pandemia.

É importante considerarmos também dificuldades que nos alertam para a necessidade de novas alterações nos procedimentos que já disponibilizamos em ambas as frentes de pesquisa aqui descritas. Para tanto, refletimos sobre a perspectiva de cada participante ser visto como multiplicador de atitudes não coercitivas e, portanto, solidárias e libertárias, ajudando a superar as desigualdades de oportunidade que caracterizam nossa sociedade. “Lendo com os Grupos Vivenciais” é uma proposta de intervenção lúdica e prazerosa. No entanto, percebemos alguns problemas que remetem à necessidade de atenção adicional aos pais antes que se engajem em tarefas juntamente com seus filhos. Assim, desenvolvemos estratégias que visam favorecer que os encontros extrapolem os limites dos roteiros de conversa, aproximando os adultos de múltiplas alternativas de interação a partir das contações de história.

No grupo de mulheres com fibromialgia, acreditamos que a presença de pesquisadoras nos encontros pode ter ajudado na manutenção de um espaço não coercitivo. No entanto, foi marcante a dificuldade de reunir as participantes, o que levou a uma lacuna temporal maior entre a finalização do grupo do primeiro semestre e o início do seguinte. A situação de pandemia e a consequente ocupação de cada um de nós com problemas novos, graves e diversos, tornou ainda mais necessária a proteção que resulta de apoio social.

Com cada participante em sua casa, sentimos a necessidade de estreitar laços por meio de atividades on-line complementares.

Não coerção é uma questão de qualidade das relações que a situação atual de exceção deixou claro que precisa ser ampliada para além dos limites que anteriormente significavam acolhimento. Ter acesso a atenção e proximidade física é fundamental para o desenvolvimento humano saudável, principalmente quando combinadas. Complementarmente, Santos e de Rose (1999) apontam a importância do reforço natural, ou seja, de motivadores presentes no próprio texto lido, para a formação do hábito de leitura e consequente acesso a variadas formas de viver e de sentir. Muitos caminhos formam o bom leitor, aquele que se sente bem diante de livros. Investigamos possibilidades de relacionar tais alternativas ao desenvolvimento da leitura que cada um precisa fazer de si próprio - que fortalece, harmoniza e aproxima.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Betânia Fidalgo. **Balainha**. Belém: UNAMA, 2020.

BARBIERI, Stela; VILELA, Fernando. **Quero colo!** Porto Alegre: SM, 2016.

BAUER, Jutta. Schreimutter. **Weinheim**, Alemanha: Beltz & Gelberg, 2020.

DARWICH, Rosângela Araújo; GARCIA, Maria Lúcia Gaspar. Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. **Katálysis**, v. 22, n. 3, p. 558-565, 2019.

DARWICH, Rosângela Araújo. “Jobs oder Rechte?” Vom inneren Unfrieden in einem Land zwischen “Grippchen”, Fülle und nacktem Elend: Brasilien. **Amos**, v. 2, p. 20, 2020.

DARWICH, Rosângela Araújo; NUNES, Ana Letícia de Moraes.; SOUZA, Agnes Caroline Alves de. Non-coercion beyond virtual environments: Can studying be pleasant? **Psychological Applications and Trends 2020**, InPact 2020, p. 259-261. Disponível em: <https://cutt.ly/IfMHTwx>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Enfoques e modelos do treinamento de habilidades sociais. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.). **Habilidades sociais: Intervenções efetivas em grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 19-56.

FACULDADES particulares de Belém suspendem aulas e eventos em alerta ao novo coronavírus. **G1**. PA - Belém. 16 mar. 2020. Disponível em <https://cutt.ly/yfMHTAH>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FISCHER, Sibylle; FRÖHLICH-GILDHOFF, Klaus. **Chancen-gleich**. Kulturelle Vielfalt als Ressource in frühkindlichen Bildungsprozessen. Manual zur Qualifizierung pädagogischer Fachkräfte. Stuttgart, Germany: Kohlhammer, 2019.

FRANCO, Blandina; LOLLO, Jose Carlos. **Por que sou uma menina xadrez**. São Paulo: Blocker, 2015.

HARARI, Yuval. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HIMMELREICH, Sophia; RIJO, Tânia; HANN, Colin; PÁRAMO, Pedro; MATEJIC, Milorad. **Sapo - Frosch**. Lingolibros, 2013.

JOOSSE, Barbara. **Mamãe, você me ama?** São Paulo: Brinque Book, 1994.

KAISER, Lisbeth. **Rosa Parks**. Frances Lincoln Children's Books, Londres: 2017.

KIND, X. Y. **A Princesa Melancia - Die Wassermelonenprinzessin**. Edição do Kindle, 2018.

MIRALLES, Francisc. Como você está lidando com tudo isso? **El País Semanal**, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/5fMHOqg>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. OMS declara pandemia de coronavírus. **G1**, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/wfMHSw5>. Acesso em: 10 set. 2020.

NYONGO, Lupita. **Sulwe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Hedra, 1934.

PINTO, Ziraldo. Alves. **O menino marrom**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

PROVENZA, José Roberto; POLLAK, Daniel Feldman; MARTINEZ, José Eduardo; PAIVA, Eduardo dos Santos; HELFENSTEIN, Milton; HEYMANN, Roberto Ezequiel; MATOS, J. M. C.; SOUZA, Eduardo José do R. Fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, São Paulo, v. 44, n. 6, p. 443-449, 2004.

ROCHA, Ruth. **Quem tem medo do ridículo?** São Paulo: Moderna, 2004.

SANTOS, Josineide Alves; DE ROSE, Júlio César Coelho. A importância do reforço natural na formação do hábito de leitura. **Revista Olhar**, v. 1, n. 2, 1999.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SIDMAN, Murray. **Coercion and its fallout**. Massachusetts: Authors Cooperative, 1989.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Science and human behavior**. New York, NY: The Free Press, 1965.

SOUZA, Shirley. **Eu quero! Eu quero!** São Paulo: Escala Educacional, 2006.

TAYLOR, Derrick Bryson. A timeline of the coronavirus pandemic. **The New York Times**, 6 ago. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/gfMHDq9>. Acesso em: 10 set. 2020.

VALFRÉ, Vinícius; BEHNKE, Emilly. Saúde reforça importância de isolamento para evitar colapso do sistema. **O Estado de São Paulo**, 6 abr. 2020. Disponível em <https://cutt.ly/wfMHDXv>. Acesso em: 10 set. 2020.

VIEIRA, Paulo. **Pablo no mundo das nuvens**. Belém: Fundação Cultural do Estado do Pará, 2016.

WINTERBERG, Philipp. **Entra aqui, sai lá!** - Da rein, da raus! Edição do Kindle, 2015.

WORLD HEALTH ORGANISATION - WHO. **Naming the coronavirus disease (COVID-19) and the virus that causes it**. 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/EfSDRo0>. Acesso em: 25 ago. 2020.

YOUTUBE ABOUT, 2020. **Youtube**: nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo. Disponível em <https://cutt.ly/YfMHFlD>. Acesso em: 23 set. 2020.

Artigo recebido em: 18 ago. 2020. | Artigo aprovado em: 20 out. 2020

[i] Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (PPGTPC/UFPA) e especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (CENSUPEG). Estágio pós-doutoral na Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, na Alemanha. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>
E-mail: rosangela.darwich@unama.br

[ii] Estudante do 10º período do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia e bolsista do Programa de Bolsa Institucional de Pesquisa (PIBIC/CNPq). Atua como acompanhante terapêutica de crianças com desenvolvimento atípico. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7562-6620>
E-mail: larissa21fortes@gmail.com

[iii] Graduação em Odontologia pela Universidade Federal da Paraíba (1994), em Teologia pelo Seminário Cristão Evangélico do Norte (2005) e em Psicologia pela Universidade da Amazônia (2018). Tem formação em Logoterapia e Análise Existencial pelo Instituto GEIST (MA). Trabalha no Hospital de Aeronáutica em Belém (PA) e é pastora auxiliar na Comunidade Evangélica Integrada da Amazônia. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8971-0989>
E-mail: pra.marlene@gmail.com